

## PASSEIO NA BEIRA-RIO (conclusão)

Por MARIA EMÍLIA SENA DE VASCONCELOS\*

### VIANA NO TERMO DO SÉC. XIX

Pelos meados e fins do século os homens encontravam-se portanto nos cafés, botequins, ou em qualquer reduto de simpatizantes políticos ou de parceiros de jogo. Ou cuidavam, em casa, «de gerir os seus bens».

— Enquanto alguns passavam já a vista por volumes de velhos cronistas ou de novos contistas. Mas as mulheres — que faziam, entretanto? Relatava a minha sogra que ainda por 1900, se saía a fazer compras ou a visitar amigas (nunca sózinha), dava às vezes grandes voltas só para não passarem na Praça (então da «Rainha») onde poderiam servir de «tema de conversa» aos fregueses desocupados do «Maria da Luz»...<sup>(90)</sup>

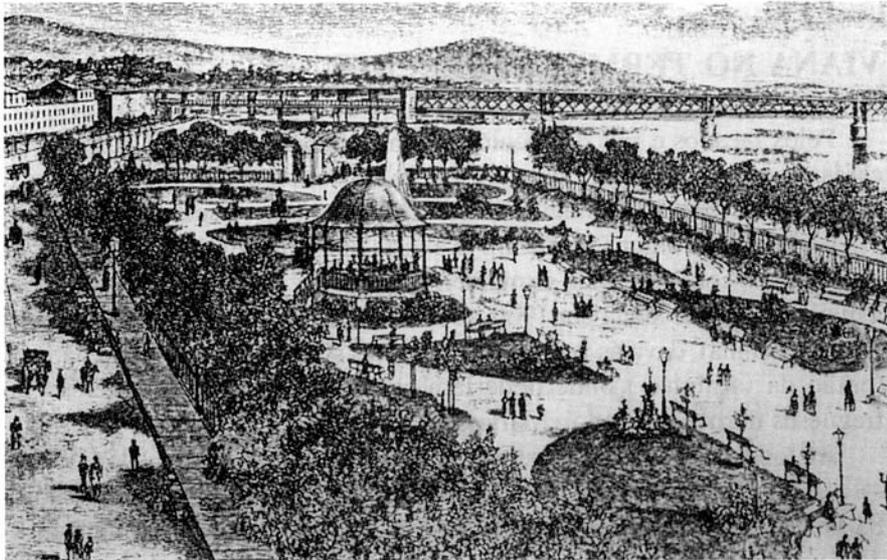
Ao todo, como ponto de reunião de todos, restava o teatro. O da Caridade, — a partir de 1806 (onde aliás actuaram bons artistas da época), depois o Sá de Miranda, inaugurado em Fevereiro de 1884, e, mais recentemente o da Rua das Rosas, (o Olímpia), datando do primeiro quartel deste século (fora alguns outros anteriores ou não, transitórios, menores). Quanto a «clubes» com reuniões, em certos dias, para a família dos sócios, também, só por 1850 surge a Assembleia Vianense (mas... muito «elitista») e, por 1881, o Clube Militar Recreativo, reservado sobretudo, pois, aos oficiais e aos seus. Mas que não durou muito...

Assim, eram concorridíssimas as cerimónias religiosas, — missas, lausperenes, o desfile de procissões entre frontarias engalanadas, ou as práticas da semana santa. À saída sempre havia cumprimentos, sorrisos, algumas conversas. Em época mais recente, então, em Maio, celebrava-se o

---

90 — Pequeno café mais ou menos onde se estabeleceu depois o «café Américo», mas com metade, talvez, da largura deste. Tinha apenas seis ou sete mesas, da frente ao fundo, em linha...

«Mês de Maria» não só nas igrejas como também em alguma capela ou em algum oratório particular. Piedosamente. — ... E isso fazia com que as amigas das senhoras a quem pertenciam as capelas e os oratórios combinassem bem entre si o «calendário» da sua comparência aqui ou além, não acontecesse que a involuntária falta de alguma, vários dias, numa dessas devoções, fosse pela sua promotora atribuída a preferência por qualquer das alheias! — Protocolo delicado...



O Jardim Público gradeado. *Desenho em «O Minho Pitoresco»*

De forma que a todos muito agradara a ordem camarária de se transferir do Largo do Pombal (hoje Largo João Tomás da Costa) para a Praça do Príncipe (a S. Bento)<sup>(91)</sup> o mercado que habitualmente ali se fazia, de produtos trazidos em carros de bois de Afife ou Carreço (leite, manteiga, aves), ou da Ribeira-Lima, nos compridos barcos de fundo chato (fruta, legumes vários, cereais) — Dando espaço, ali, a um segundo Jardim Público. O ambiente,

91 — Desde 1866 que a obra do cais do Pombal terminara. O decreto da transferencia do mercado que aqui se fazia para a praça do Príncipe data de 20 de Dezembro de 1881 (V. Port. Ant. e Mod. de Pinho Leal, pag. 445).

mais agradável do que no primeiro, convidaria a passeios frequentes, fomentaria convivências...

O seu gradeamento — a toda a volta do recinto, com um portão em cada extremo, — acha-se colocado por Abril de 1882, custando a verba de 364.251 rs. Tinha, de um lado, um belo corêto de ferro, para os concertos da banda militar (no verão aos domingos e quintas-feiras, á noite, no inverno, à tarde, «depois da missa dominical da uma» na Matriz.

De cada lado da alea central havia bancos de madeira (mas, para as damas espartilhadas da época... eram baixos, incómodos; e preferiam-lhes pois as modestíssimas «cadeiras de pau» ali alugadas — como no Campo da Agonia, a seguir às Festas de Agosto — pelos velhotes da Caridade...)

A meio, situava-se um tanque redondo, com elegante repuxo...

(Por 1911 achou-se dispensável no entanto a vedação gradeada <sup>(92)</sup> — que se revendeu, com forte protesto de muitos, por 68.000 rs. — Protesto... do qual permanecem ecos no próprio jornal «A Aurora do Lima»: «suprimir aquela vedação do Jardim Público, — insinua, — tornou-o acessível, porventura, a uma frequência menos escolhida»...

\*

Conforme a notícia publicada pelo dr. Figueiredo da Guerra, em Agosto de 1881, numa folha de Valença, umas curiosas sepulturas apareceram quando se preparava o terreno para um mercado enfim definitivo, abrigado, amplo, a S. Bento, no início daquele mês. Abertas na rocha, contíguas, estavam ocultas pelo cruzeiro do Senhor da Boa Lembrança...

Sendo esse local muito próximo da primitiva capela de S. Bento, pensou-se que pertenceriam, porventura, a três senhoras que haviam conseguido licença (conforme provisão de 9-XII-1508) para se reunirem em comunidade — ali, onde habitara um santo ermitão, frei Jerónimo (cujos restos seriam recuperados, parece, quando em 1647 se levantou no local o citado cruzeiro, — e então trasladados para a igreja do convento «com reverente cuidado») <sup>(93)</sup>.

92 — Um dos portões passou por uns tempos a vedar o terreno (das «lavadeiras»...) junto do depósito de água sob a Ponte.

93 — Primeiro foram os seus restos colocados sob a pia baptismal; depois, no interior da parece do lado da rua.



O demolido Mercado Municipal de Viana

Este belo mercado —, «dos Torreões» — subsiste ali dos fins do século XIX (1891) a Março de 1963, data em que outro <sup>(94)</sup>, moderno, em cimento, é inaugurado, acima da igreja das Almas; sendo então demolido o anterior...

Durante todas as obras na zona da actual praça de Gonçalo Velho, de 1932 a 1953, várias outras sepulturas foram por perto encontradas, cavadas na pedra. Tão antigas, algumas, que alguns estudiosos as situam em período anterior à fundação do Concelho. José Rosa de Araújo aventou mesmo que um primitivo pequeno templo pagão existiria no local.

No extremo da primeira placa do velho Jardim havia (ainda a vi...) uma passagem transversal que do rio levava às Almas: ao núcleo da primeira paróquia da cidade, — S. Salvador do Átrio. E lembro-me também do «Pote das Almas», o Campo Santo onde dormiram tantos anos o «Pinotes», o «Antoninho Enforcado» e a «Freirinha». (esta já talvez com fama de santa ao morrer, em 1888; visto que para mais perto a trouxeram, deixando as suas duas irmãs no chão conventual...) <sup>(95)</sup>.

94 — Começado a 3 de Janeiro de 1963.

95 — Ha um retrato seu na capela do Cemitério Municipal, pelo pintor Julião Martins... que, no entanto, já não a conheceu neste mundo!

E ao deter-me nesta zona não esquecerei de mencionar que o antigo sacristão desta igreja das Almas, Manuel Alves — o «Reite», — ao padre que o assistia na agonia confessou que fora ele quem de facto baleara o Pinotes quando jovem soldado, a 3 de Outubro de 1846, a ver se assim obtinham ali a rendição, a que este se opunha. Autorizando o sacerdote a divulgar isto.

\*

Em 1891, morta a última das suas religiosas, é demolido o convento de S. Bento, — já diminuído na sua cerca, já tão degradado na sua pesada estrutura. Naquele arredor, pois, frei Jerónimo, como rezava a tradição, tivera



O novo coreto do Jardim, de cimento. Atrás, o nosso primeiro «arranha-céus»

o seu ermitério. No seu mirante se havia queimado fogo de vista em honra de D. Miguel. Mas a cidade crescia. Tudo evolui <sup>(96)</sup>. E subsiste hoje apenas, do todo, a igreja. Que, como as demais da ordem, só tinha, dantes sobre a

96 — Muitas saudades, deixaram no meio estas freirinhas «bem nascidas», com tão «educadas mãos». Muitas confrarias encomendavam aqui as suas alfaías e muitas noivas fidalguinhas o seu bragal...

rua a entrada lateral; mas na qual então se abriu outra, sob o coro, na fachada do Extremo dando para a antiga cerca (já embora com a rosácea), agora expropriada.

... Aí veio a construir-se, há poucos anos demolido, o Mercado dos Torreões, o primeiro «arranha-céus» de Viana — que tanta discordância gerou...

(Por 1917 era sacristão daquela igreja um sapateiro, o «Caquinha». À sua porta, três noites a fio, bateu um frade. Que lhe dizia estar enterrado nesse templo, mas que precisava ainda, para ter paz, de muitas missas pela sua alma... e de esmolos para azeite na lampada de S. Bento. No entanto disto só devia o sacristão falar uma vez. E depois da terceira visita do frade — este falou. Correu a voz de «milagre», choveram as esmolos, foi um alvoroço no mulherio! Então... as autoridades intervieram — e averiguaram que o frade... era um membro da Irmandade, negociante, até, de louças, na «Casa do leão» no Jardim! Queria ele ... estimular os devotos? ou, na sua qualidade de «Irmão», haver do... «esforço» particular vantagem — como todos acreditavam — ao apresentar as contas da benesse?...)

\*

Frente ao demolido Mercado, no passeio junto do rio, havia todas as sextas-feiras o «mercado dos trapos»<sup>(97)</sup>. Ambulante. E que além de tecidos oferecia cestos, cutelaria, gamelas, tamancos. — Transferido seguidamente para o Jardim de D. Fernando e, transitivamente, ainda, para o Campo da Agonia, realiza-se agora no Campo do Castelo.

## NASCE O SÉCULO XX

Entrara pois a nossa velha «sociedade» no nosso turbulento século XX ... sem pressentir ainda, no entanto, tudo o que ele viria a demolir ou a acrescentar no seu dia-a-dia, com o posterior «progresso»...

— No novo Jardim Público, (como no Campo da Agonia, na altura das Festas de Agosto) os grupos da gente nova ainda iam e vinham conversando,

---

97 — Autorizado desde 1823

comedidos... e bem vigiados de cada lado. Falando, os seus maiores, de assuntos «mais sérios», — como... ainda, do «escândalo do Ultramarino», anos antes, que prejudicou, em Viana, casas de caridade e bastantes particulares, já que daqui eram alguns dos seus grandes accionistas (!): a Caridade possuía, desse Banco, 212 acções; Elias Vieira de Araújo, 130; João Afonso Espregueira, 135; Luís Barbosa e Silva, 240; Luís Xavier Barbosa (o autor de «Cem cartas de Camilo», — sobrinho dos Barbosa e Silva, .... então acusado de muitas outras, do romancista, haver rasgado) <sup>(98)</sup>, 127; D. Maria Xavier Barbosa, sua mãe, 97. E muitos mais citavam. Até ao modesto Asilo da Infância desvalida caberiam 22 acções... <sup>(99)</sup>

... Ou falando do sucesso de um invento do nosso P.<sup>o</sup> Himalaia, na América, em 1904: O «pirhelióforo»... Do discurso de Manuel Afonso Espregueira, então deputado em Lisboa, sobre a dívida externa do país, sempre cortado por vibrantes «apoiados». Falando também, enfim, na «Dissidência» dos «Progressistas», que em 1905 abandonaram a Câmara para não assinarem a concessão do «Monopólio dos Tabacos». Encabeçada por José Maria Alpoim, logo alguns outros deputados o seguiram, entre os quais os minhotos Queiroz Ribeiro, conselheiro Joaquim José Cerqueira e o fogoso reitor dos Paulistas, dr. Luís José Dias.

— Que a política continuava a ser o tema preferido entre os homens; em qualquer tertúlia. E lia-se sobretudo o jornal ainda que... atrasado chegasse (o que não traduz, repito, que todos só lessem o jornal!).

\*

... A menos que uma nova visita real se anunciasse. E, em Setembro de 1903, anunciou-se a de D. Carlos. Decorriam umas manobras militares em Barcelos a que fora convidado a assistir. Ficaria hospedado na Casa da Praça, dos Malheiro Reimão. Com ele viriam igualmente o Ministro da Guerra, Pimentel Pinto, o Infante D. Afonso, irmão do rei, com o ajudante, ten. José Vicente Silva Sena, e os condes de Tarouca e Arnoso, ajudantes do rei.

---

98 — Vaga explicação dada pelo próprio autor desse livro aos que tal aventavam: «essas, — à sua aura nada acrescentariam»... Mas haverá outro motivo para esse gesto... (V. a minha separata dos Cadernos Vianenses». Os Barbosa e Silva e Camilo» — 1991).

99 — No relatório do Banco Ultramarino de 1888.

De novo nas modistas, nos sapateiros, «choveram» encomendas dos presumíveis convidados para as recepções programadas: concurso de tiro, pois, no Campo do Castelo, r cita de gala no Teatro (com a Companhia do actor Chaby Pinheiro, de Lisboa) <sup>(100)</sup>, ou jantares na Casa da Praça, fornecidos pela competente Casa Ferrari, também de Lisboa (cujo pessoal, dos criados de mesa aos da cozinha, viria de l  expressamente para isso). E festivais na Beira Rio, etc.

Na cidade levantaram-se dois arcos «imponentes», sob os quais passaria a carruagem com o rei,   saída da Estaa; — um oferecido pelo conselheiro Joaquim José Cerqueira, junto da Casa da Carreira, o outro   entrada da Praça da Rainha, oferecido pelos artistas vianenses

... E para «enriquecer» o ambiente, sóbrio então, da Casa da Praça (tal como o pequeno gabinete junto ao camarote real, no Teatro) várias famílias de Viana emprestaram belos móveis, belas louças, tapeçarias... D. Maria Máxima Malheiro Reimão e o marido (depois viscondes de Montedor) afadigavam-se a mostrar tudo aos amigos.

Deslocou-se o rei, sempre, de automóvel, tanto para Barcelos como na ida a Ponte de Lima. Também no seu próprio automóvel, por ele conduzido, se deslocou o Infante D. Afonso, com o seu ajudante, a Barcelos, a Caminha, e a Santa Luzia.

A 16 realizou-se — com uma bela noite, — a Serenata no Lima que teve excelente fogo dos nossos pirotécnicos José Castro e Manuel Silva. No rio estavam uns 60 barcos iluminados. O rei tomou lugar numa lancha da canhoneira Sado, aqui atracada... E entretanto, na ponte, tremeluzia ainda o grande letreiro delineado por tigelinhas com pavio no c bo: «Viva el rei».

E saudava-o ainda o povo das aldeias — que cantara e bailara junto dos coretos <sup>(101)</sup>.

Como novidade: no rio, a barca da Associaa dos Marítimos de Viana surgiu iluminada a «gaz acetilene» — quando as demais embarcaes ostentavam simplesmente (segundo a imprensa local) os costumados, coloridos «balões venezianos» <sup>(102)</sup>.

---

100 — Para S. M. e para todos os «especiais convidados» para este espectáculo havia também especiais programas luxuosos, em setim de tom marfim impressos a azul e com o escudo real a um canto. Apesar da sua venerável idade... ainda em perfeito estado conservo o do meu pai...

101 — Para facilitar a comparencia aqui, nesta altura, dos habitantes de outros pontos servidos pelo Caminho de Ferro, esta companhia organizou comboios especiais com redua de 60% nas tarifas.

102 — V. os periódicos da urbe, na época, «O Distrito de Viana», «o Jornal de Viana», «A Aurora do Lima».

A 17 torna el-rei ao Jardim Público onde se inaugurava uma «Kermesse» a favor dos Bombeiros Voluntários, «com as mais gentis meninas do meio a atenderem, nas barracas de rifas». Também o monarca oferecera um belo objecto a rifar ali; devido porém ao seu valor real e estimativo decidiu a comissão organizadora fazê-lo prémio único de um sorteio especial, a ocorrer alguns dias depois.



O Rei, em Viana

Foi queimado mais algum fogo de vista, — dos pirotécnicos da véspera. Pelas 11 e meia retirou-se D. Carlos, acompanhado pelo elemento oficial, por músicos e por uma animada «marche aux flambeaux».

A 18, de manhã, ainda todos subiram a Santa Luzia, onde o rei entregou cem mil réis, para a Confraria, ao cuidado do então governador civil conselheiro Queiros Velozo. Bem como, ao despedir-se, na Câmara deixou mais cinquenta mil réis para o Orfanato de S. José e outro tanto para o Asilo das Meninas Orfãs e desamparadas.

Pela Câmara foi então solicitado a consentir que passasse a chamar-se «Avenida D. Carlos» à Avenida Camões, — o que o rei negou. — À tarde,

enfim, partiu de Viana, entre grandes aplausos da multidão reunida em frente da Estação.

Nem quando da visita do príncipe real D. Luís Filipe, antes, em 1901, — chegado à cidade a cavalo; vindo de Ponte de Lima à desfilada, sem que os seus companheiros (os... «impetuosos preceptores» Mouzinho de Albuquerque e Keraush) — o deixassem sequer atentar no bonito grupo de lavadeiras que lhes lançava flores em Santa Marta — <sup>(103)</sup>, nem quando da visita de D. Manuel, seu irmão, em 1908 (já, portanto, posterior ao Regicídio) nenhuns festejos foram organizados à Beira-Rio. Ambos por ali passaram, em passeio relativamente curto, — necessariamente curto, já que o primeiro apenas aqui dormiu uma noite, no Hotel Europa, na praça da Rainha <sup>(104)</sup>, e o segundo apenas cá esteve um dia, com breve descanso na Assembleia Vianense, após o almoço. Este, no entanto, passando pela doca e pela ponte mostrou verdadeiro interesse e quis até deter-se, perto, um momento. E admirou também com deleite o panorama de Santa Luzia. — De resto, as devidas homenagens foram-lhe prestadas, mas apenas no coração da urbe... <sup>(105)</sup>

\*

Passeando agora a minha vista pelo casario que, paralelo ao rio e ao cais se alinhava do outro lado do Jardim Público, ainda ali encontro, no despertar do nosso século, muitas lojas já tidas como bem idosas. Como a garagem de Domingos Botelho. Como, mais acima, o estabelecimento do «Matinhos» — que acedia em fraccionar as grandes meadas de lã, de diversas cores, em pequenas porções que, a peso, compravam as tecedeiras mais pobres. E que vendia também papel de carta (... vulgar, pautado, — ou com larga tarja negra, para os lutos pesados!)

E que oferecia ainda, com berrantes, capinhas de papel colorido, os populares romances de cordel...

---

103 — Manifestação gentilmente preparada pelo pai do Jornalista Artur Maciel...

104 — ... Se é que nessa noite dormiu? Mousinho, ali o deixando, resolveu... divertir-se, com a boémia do meio. O que se ... comentou bastante, depois... Ao regressar, de madrugada, ao hotel o príncipe esperava-o, porém. E, mal chegou a Lisboa «contou muitas coisas ao rei seu pai».

105 — V. o «Livro de Ouro da Visita de D. Manuel II ao Norte»

... Como, depois, a farmácia onde trabalha a dr<sup>a</sup> Maria Alice Paula Santo, «menina do meu tempo» que muito prezo; onde o seu pai trabalhou já. Dentro, num gabinete, emoldurado, figura um diploma profissional datado de 1835; mas é tradição que muito antes já existira no sítio a «farmácia do Postigo» (nome da porta da muralha que lhe ficava próximo) ou «do Monge», (que também se compreende, pois em dias recuados gozavam os monges fama de serem excelentes boticários; e porventura algum ali acudiria aos males alheios).



A beira-rio inundada pela cheia do Lima de 1925

E cuido recordar-me, adiante, do estendal de artigos reluzentes de sol á porta da Senhora Águeda, louceira, — cujos descendentes possuem hoje, acima, modernos e prósperos estabelecimentos de boas porcelanas e outras utilidades.

Nessa correnteza havia casas de tecidos, — a dos Pachecos, a do Carneiro, e o «Depósito», dos Cerqueiras, no apreciável prédio (com o braço picado) dos Torrados <sup>(106)</sup> — em cujo primeiro andar se situa também uma lápide memorando ter aí habitado o arqueólogo Abel Viana. Muito

106 — V. «Casas de Viana Antiga», de M. A. Alpuim e M. E. de Vasconcelos

afreguezada, perdurou esta loja cerca de oito décadas... Agora, toma-lhe o lugar mais um restaurante.

... E, com porta atrás do bar Girassol, existia a loja da D. Mariquinhas <sup>(107)</sup> — a quem fiquei a dever os meus primeiros trajes regionais para os cortejos folclóricos... e as minhas primeiras «luzes» sobre o assunto.

... Falar no Depósito lembrou-me que nos seus balcões dormiu (?) uma noite um conhecido velho vianense, Eugénio Martins, pessoa educadíssima, que ainda contactei, «cronista mundano» para um jornal do Porto, e outros periódicos, das ocorrências destacáveis neste meio; sempre impecável, com as suas risonhas «chapeladas», o seu «papillon», o seu «pince-nez fumado»...

Caía uma noite humida, por 1925. Começava a choviscar. Ele passava nas trazeiras da loja quando dela saía o último empregado, muito seu conhecido. E ao qual pediu então: — Olhe, deixe que me abrigue ainda aí, uns momentos. A rua está um lamaçal... Depois, eu fecho a porta...

O homem acedeu. E Eugénio Martins contemplou então... os próprios pés! Estreara nesse dia um par de «polainitos» claros, lindos: não os queria estragados já! Era questão de esperar...

Mas o tempo passava... passava... O Lima cresceu, cresceu sempre... De manhã, deslizava até um barco, em frente das montras da loja. — (Muito custou, desde sempre, ser-se «dandy»! Ainda os haverá hoje, algures?!)

E os «polainitos» novinhos... tiveram de «enlamear-se», para o dono tornar enfim à sua casa <sup>(108)</sup>!

## A VIDA SOCIAL, NO VERÃO...

Várias distrações chamavam as mundanas atenções para os cais, nessa altura; e uma delas era o embarque, em grandes barcos de fundo chato (como os das mercadorias transportadas para cima ou para baixo, no Lima) de grupos de amigos a caminho de um pic-nic em qualquer ponto das margens. Na quinta de Portuzelo, dos Pereira da Cunha. Perto, no sítio do Barco de Porto. Do outro lado, na quinta dos Costa Barros, (hoje do paço episcopal)...

---

107 — D. Maria Esteves dos Santos.

108 — Contado pelo seu velho amigo... e correlegionário monárquico Álvaro de Pinho e Campos, casado com uma das minhas tias. Houve de facto por essa altura mais uma grande inundação aqui.

A um extremo ficavam alguns criados, com grandes cestos. Nos bancos centrais sentavam-se as «senhoras mais respeitáveis»; com certa corpulência, em geral, grande chapéu e prudente agasalho... Atrás, engravatados, de chapéu de feltro, — e alguns de farta barba —, situavam-se os maridos. À frente, ou nos bordos, seguia a gente nova: elas, igualmente de chapéu sobre a leve popa, de leve blusinha branca e longa saia; eles igualmente engravatados e de chapéu largo.

Tenho na mão uma pálida foto, tirada na abalada para um desses pic-nics — em 1909. Nela, apontam-me o arquitecto Magalhães Moutinho com as três filhas; o conselheiro Sousa Pinto com a mulher, D. Delfina; João Caetano Silva Campos e a mulher, D. Maria Augusta; o «brasileiro» Vieitas Jácome e as bonitas sobrinhas; o então consul de França, Manuel Araújo, com as filhas Lúcia e «Augustinha» (depois viscondessa de Taíde); o Pena, do Banco Ultramarino, com a mulher e as sobrinhas.... E reconheço ainda ali os meus avós, as filhas e os filhos...

... De muitos destes os «novos» de hoje nem ouviram falar (embora alguns tivessem descendência — que o tempo arredou de cá).

E mesmo, poucos velhos restam que deles se lembrem. (O mesmo se dará com os «novos» do futuro, relativamente a nós!).

E todavia todos eram pessoas com certo relevo no meio, na altura.

De resto escreve Campos Monteiro que «uma das recreações predilectas de Camilo Castelo Branco em Viana foi já «passear de barco no rio», — sereno... de pouco fundo...<sup>(109)</sup>

Também chamavam as atenções ao longo dos cais, alguns rapazes mais «desportivos», entretanto, guiando bonitas parelhas, como os filhos do já citado escritor João Caetano da Silva Campos, Álvaro e Luciano; António Mimoso (amador teatral, nas «horas vagas»); ou José Zamith (que conheci já muito velho mas que me mostrou, nostálgico, e vaidoso ainda, à sua «licença de conduzir» carros de cavalos, a primeira aqui passada, — a número 1, — tinha ele 19 anos...<sup>(110)</sup>

E ao longo dos mesmos apareciam igualmente elegantes amazonas, bem acompanhadas. Como a D. Maria Pereira de Eça, com o general, seu pai;

109 — Artigo na Aurora do Lima de 4 de Dez. de 1994, ass. por Nunabre, cit. -Campos Monteiro.

110 — A carta de cocheiro n.º 2, aqui, pertenceu a João Vieira de Araújo (de Janeiro de 1918).

como a minha tia Teresa, filha do Conselheiro Joaquim José Cerqueira, com qualquer dos irmãos; como a filha do major Virgílio Roma com os primos <sup>(111)</sup> e o Luís, filho do coronel Camilo Sotomaior; — e mais algum jovem oficial aqui colocado, nessa altura...

Bom cavaleiro era ainda a par destes, o jovem Aleixo Feijó, irmão do talentoso Salvato. A sua morte prematura foi até atribuída á queda que deu depois (1908), ao lidar a cavalo um garraio, numa daquelas apreciadas garraias de então.

... Mais abaixo, na água mansa, deslizavam pequenas velas brancas ou compassados remadores, treinando-se já, talvez, para futuras regatas a disputar com os de Caminha... ou, mais tarde com os opositores de Aveiro de quem se tornariam grandes amigos, — os «Galitos»...

... Aleixo Feijó (sempre tão dado ao desporto como o irmão às «literatices», como dizia), teve também um «barco-automóvel», a que chamou Gabriela (nome da mais nova das minhas tias, sua paixoneta nesse verão).

\*

Já agora, farei ainda uma referência a António Mimoso, já atrás apontado; além de «desportista», além de actor — amador nas revistas de Salvato Feijó, ... era um tremendo cacique político, em todo o arredor; influente aqui como em Ponte de Lima, onde tinha propriedades. Assim, quando, em 1919, eclodiu o movimento da «Monarquia do Norte», muitos dos seus amigos, ao gorar-se este, foram detidos. E, dos mais inculcados, uns seguiram, presos, para o Porto, outros ficaram mesmo em Viana, na Casa do Mirante <sup>(112)</sup> — onde pouco antes estavam os republicanos vencidos (pelo que já lhe chamavam agora «a nossa Bastilha»...) — Ele, porém, fora aparentemente «esquecido», no momento! Então correu à Ponte e ali facilitou a retirada de muitos do «comprometidos menores».

Previendo esse êxodo os «vencedores» actuais para ali tinham enviado, logo, alguém que a ele obstasse. Mas... porque, esse alguém devesse acaso qualquer favor a António Mimoso... ou simplesmente temesse o seu prestígio — ou posterior «vingança», — ao reconhecê-lo ali nem ousou intervir. E acabou mesmo por recolher a casa dizendo depois, que de repente, se sentira

111 — Um deles o médico Ernesto Roma, depois grande pioneiro da Assistencia aos Diabéticos, no país.

112 — Na rua de S. Tiago — V. «Casas de Viana Antiga» de M. A. Alpuim e M. E. Vasconcelos — pag. 250.

doente (o que lhe evitou censuras de qualquer dos lados: já que «nada chegara a ver», no local!

De resto dos presos na Casa do Mirante diversos lograram fugir igualmente. Como Miguel Alpuim (o que voltara a içar na Câmara a bandeira azul e branca), João Rocha Páris, Álvaro de Pinho e Campos <sup>(113)</sup> e outros.

Alguns preferiram exilar-se para Espanha de várias formas, como o Eng.º José Luís Silva Dias ou o jornalista Artur Maciel (que com jovens espanholas casaram), — ou para o Brasil, como o poeta Carlos Lobo de Oliveira.



Deteriorado, o velho coreto do Jardim Público, depois colocado no Jardim de D. Fernando.

Conheci todos — já com certa idade. E... pareceu-me que um ou outro até gostava de falar ainda no que para ele fora, talvez, a grande aventura da sua existência...

\*

O passeio central do Jardim Público prolongou-se pois, por fim, até à Ponte metálica. (Mas nunca percebi bem porque motivo os grupos que passeavam na placa anterior, nas «noites de música», com a banda do

---

113 — Casado com uma tia minha. Dele ouvi pois o que conto, — da acção de António Mimoso e sobre a Casa do Mirante.

regimento no coreto, continuavam a evitar ultrapassar a antiga passagem transversal para as Almas. Isto, já no meu tempo... Naquele ponto, uma das minhas companheiras lembrava: — «Meninas, voltemos para trás... além, é Marrocos! Além já é Marrocos», — e o grupo retrocedia, sereno. Em vão perguntei o que aquilo significava, elas próprias confessavam que não sabiam. Assim, — eu nunca o soube, também. — Além... Marrocos... porquê?!

Jardim, jardim... Hoje, normalmente, já não há música, no coreto moderno — de cimento armado: com a tropa, abalou de Viana a sua Banda. No entanto foi ela que, no velho coreto de ferro, fez aqui ouvir pela primeira vez a «Portuguesa», obtendo grandes ovações <sup>(114)</sup>. Desde a manhã, a 5 de Outubro de 1910, estava içada no nosso quartel, por ordem do Quartel General, a bandeira verde-rubra. Muitos rejubilavam. Diz-se que o dr. Ribeiro da Silva já projectava propor que em breve a Praça da Rainha passasse a denominar-se Praça da República...

Jardim, jardim... Sem mais «Kermesses de caridade», com as Andrade, da fábrica de tecidos da areosa, vestidas de lavradeiras, a venderem louça de barro... Com as filhas e sobrinhas do dr. Delgado, de quimonos chineses, a servirem chá... Com a D. Maria dos Prazeres Mendes Norton, vestida de cigana, a ler a sina de grupo em grupo, na palma de diversas mãos amigas...

Jardim, jardim... onde até, muito antes, — quando nas Festas da Agonia não havia ainda nem «paradas agrícolas» nem cortejos, — alguns «carolas» da cidade estimulavam as raparigas das aldeias, desinteressadas dos «fatos de romaria» a voltarem a vesti-los, premiando-as com uma «pregadeira de libras» ou uns «brincos à rainha» se se apresentavam «bonitas»... <sup>(115)</sup>

Jardim, jardim... de onde até, muito depois, no início da era dos «satélites», muitos curiosos, pachorrentos, corriam aos cais, a determinada hora (se não havia névoas nocturnas) para observarem o brilhante, minúsculo, disciplinado «Eco I» — e, seguidamente, o «Eco II» — cruzando, lá no alto, o nosso espaço aberto...

E quando as noites de cinema passando a bi-semanais, furtaram por fim ao Jardim, de todo, a habitual frequência, durante o verão, — tal como, todo

---

114 — Raros porém saberiam então, que a «Portuguesa» fora composta por Alfredo Keil quando do «Ultimatum», em 1890, e por êle oferecida, na altura, ao seu amigo D. Miguel... O que me confirmou a viúva de Keil (sogra do comandante Ramos Pereira, bem conhecido aqui em Âncora, e que morava, em Lisboa, perto de mim).

115 — Contou-me isto, um dia, o velho jornalista Severino Costa — que fazia parte do dito grupo de «carolas».

o ano, a TV, em casa ou na dos amigos, a captou igualmente, o Jardim tornou-se, então, praticamente deserto!

## NO ALTO DA PONTE

Subindo à ponte, debruço-me de novo, sobre o Jardim, olhando o mar. E ainda evocando a reforma (discutidíssima!) que ele sofreu quando era presidente da Câmara Gaspar de Castro. A larga via central — já sem qualquer interrupção pela altura das Almas. A frondosa ramaria das árvores... desaparecida por uns tempo. Mas, — que tivessem paciência, diziam os técnicos: voltava a crescer! — E voltou.

Lá para o fundo avulta o monumento, ao navegador João Álvares Fagundes. Não agradou a muitos. A mim, não desagrada: é rude, mas parece que avança, decidido, para o desconhecido além. Nele, incorporo os nossos grandes, restantes navegadores — (a quem não me referi especialmente pois outros já o fizeram antes... e com maior competência, decerto!)

— Claro... tudo tem os seus custos. A gente que levaram fez falta, nos nossos campos; e por 1640 havia neste meio cerca de três centenas de viúvas. (Enfim, no Campo da Agonia está hoje o «monumento ao pescador» — a quem os primeiros abriram, para além da costa, o rumo da Terra Nova. Talvez por isso o jornalista Alberto Couto já advogou também o «monumento à lavradeira»: na falta dos seus, não era ela que cuidava da horta e do gado? Não olhemos só ao seu traje de festa...)



A desaparecida «Fonte Luminosa» no Jardim Público  
*Repr. fot. de F. L. de Vasconcelos*

\*

Tal como o chafariz de Viana, tal como o de Mercúrio, transferidos para outros pontos, da entrada no Jardim desapareceu o pequeno tanque que recebia água do cântaro da cantareira, toda branca, que se erguia num dos seus extremos (dizem-me que alguém a comprou e a colocou numa propriedade sua, em Lanheses?...). Não sei de todo, em compensação, onde terá ido parar a taça com repuxo que vemos na gravura do Jardim ainda gradeado, publicada na conhecida obra «Minho Pitoresco» de José Augusto Vieira (1886).

Mas neste novo Jardim surgiu no entanto uma pequena fonte, também, — que designavam, ironicamente, por «fonte luminosa» (como a de Belém, em Lisboa, quando das comemorações de 1940, com tão luminosos «jogos de água»!) — ... só porque no topo tinha um globo de vidro, aceso. Esta, acha-se hoje num largo da Meadela.

... Mas do mesmo lado, mais acima, subsiste um minúsculo espelho de água, encimado pelo busto de Manuel Afonso Espregueira.

O coreto de colunas e cúpula de ferro que abrigava, antes, a banda militar, — ou eventualmente outras bandas de longe ou do arredor, — foi pois «desterrado» por sua vez para o Jardim de D. Fernando, e substituído pois pelo actual, de cimento, situado do lado do rio. E, sensivelmente no local do primeiro, construiu-se por fim um pequeno bar, fechado na metade virada às casas, aberto na face virada ao Lima, — o Girassol.

\*

E deste período guardo uma impressão muito agradável. Casualmente, além das pessoas «do meio», várias pessoas de fora aqui moraram, com alargada e interessante convivência. Já na Assembleia (há muito a decair, e ao cabo transferida para um modesto, primeiro andar na Avenida dos Combatentes, onde os «velhos» iam ver a T.V.), as senhoras então podiam subir, desdobrar um jornal também, ou conversar, à noite; e, no salão dos bailes, encontravam os jovens uma convidativa mesa de ping-pong... Já também à tarde se ia, com vagar, até ao Girassol, jogar o então muito em voga «mah-jong», com uma interrupção, por volta das cinco horas, para tomar chá... (nisto, as mais «viciosas» eram a viscondessa de Maiorca, a Cristina

Pimenta da Gama, a D. Amália Cirne Veiga, a Maria Elisa Vaz Pereira... e eu).

Em ameno passeio surgia por vezes um rapaz magro, moreno, um tanto «distante» dos mais, que se dizia ter bastante talento poético: Pedro Homem de Melo... Em período de repouso no seu Mosteiro de Cabanas. E cruzava-se com ele a Leonor Carcavelos, casada com o Manuel Espregueira; que em 1943 publicara por sua vez um minúsculo livrinho de quadras «À beira-mar», (cuido no entanto, que o único da sua lavra).



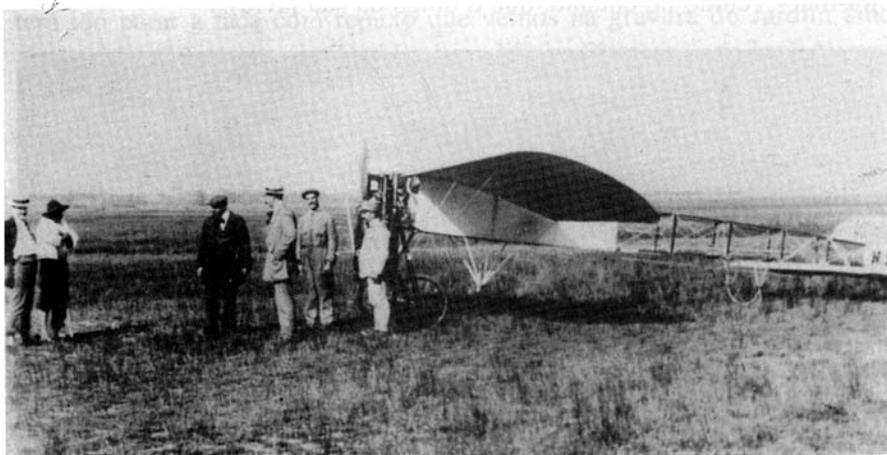
O bar «Girassol», no Jardim

No verão, se a noite estava bela, — o «programa», não raro, era outro: um grupo reduzido de amigos, em dois ou três carros, esgueirando-se discretamente do Girassol, demandava as dunas desertas e enluaradas do Cabedelo. Onde então os filhos do devotado vianense Manuel Couto Viana (logo todos três!) declamavam igualmente poesias suas: Maria Manuela, a mais velha (que em 1942, no concurso «Procura-se um romancista», promovido pelo Grémio de Editores de Lisboa obteve o primeiro lugar com o seu original — aliás em prosa, — «Raízes que não secam»)<sup>(116)</sup>, quando ainda em vésperas da própria áurea; Maria Adelaide, a segunda, que cuidou

116 — V. o órgão daquele Grémio, «Livro de Portugal», n.º 11, de Novembro de 1949.

que também publicou apenas, seguidamente, «Caminho que dá para a vida», o que foi pena; e enfim o esguio, irrequieto, moreno António Manuel, com vasto «futuro» (ainda «activo») na poesia, no teatro e mesmo, acidentalmente, no cinema...

Depois, cantava o fado outra talentosa voz a afirmar-se: a da «Baté Paraty», — Maria Teresa Noronha, — de visita a uma irmã, casada com um «bancário», transitoriamente aqui colocado. E por fim, com grande poder



O avião na ínsua

descritivo, evocava «histórias velhas, do Paço», o marquês de Belas, sogro do comandante Pimenta da Gama, quando vinha até cá ver a filha, Maria Cristina, e os netos: o «Vinte e nove» (também nunca atinei porque o chamavam assim, que, no registo, era Álvaro!), com os seus endiabrados 11 ou 12 anos, e a «Velhinha» (de 7 ou 8). Todos estes, depois, «reintegrados» em Lisboa.

\*

Viro a página. E lanço apenas mais um olhar do alto da ponte, para o passado. Para aquele pequeno grupo de entusiastas locais — citado no início deste longo apontamento, — que almejava provar a sensação, novíssima, da ainda arriscadíssima proeza de se subir... às nuvens. E não já de balão, mas num aparelho «mais pesado que o ar»! Um dos meus tios, o Eng.º Belfort Cerqueira, que, em 1912, estudava na Suíça, e que ali voara num minúsculo

avião... e nele fizera «looping», foi aqui convidado, quando em férias, a comparecer até na Praça (já «da República»), na tertúlia da «loja do Valença», para dar a sua impressão sobre tudo isso...

Tanto mais que já também o capitão Manuel Luís dos Santos que, quando colocado em Lisboa, em Inf. 16, obtivera por sorteio —, em 1903, — uma

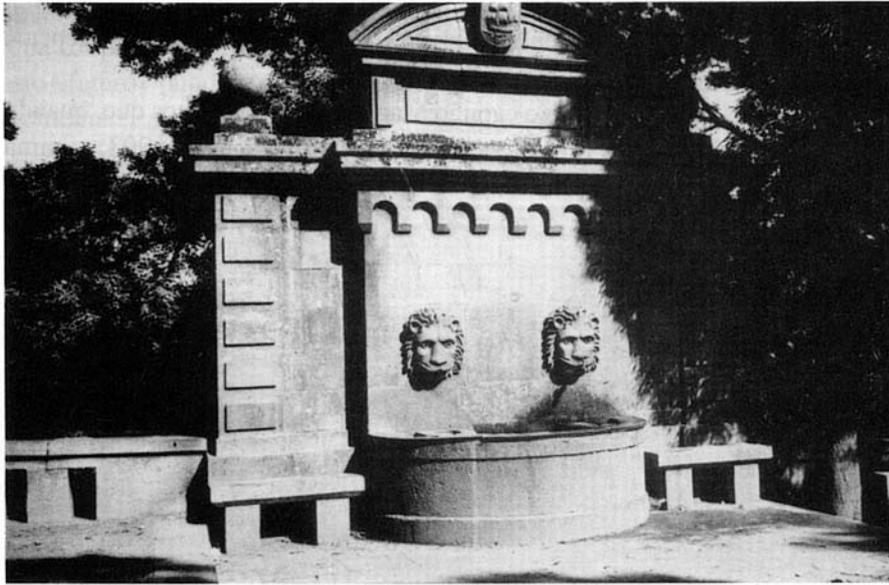


O vasto aterro, para quem do arvoredo do Jardim...

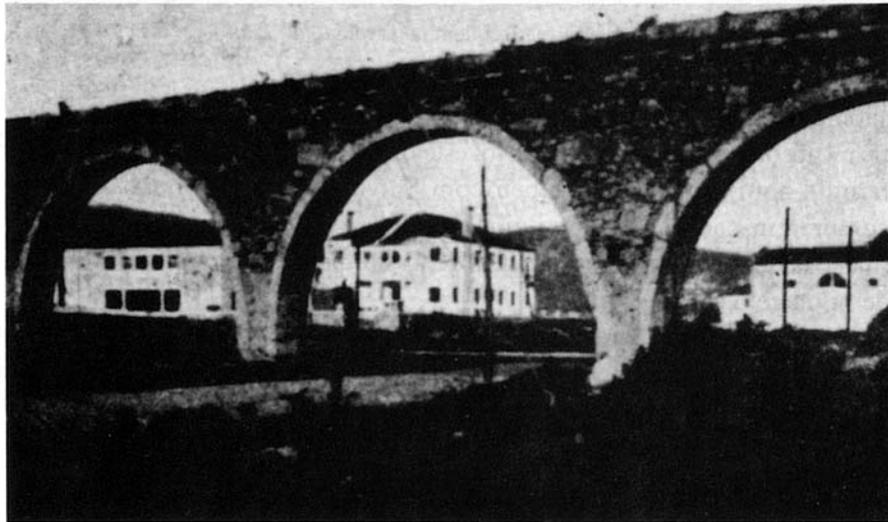
subida no balão livre que o francês Carton ali exibía, por aquela novidade ficara absolutamente seduzido! E foi este capitão Santos, (que veio a constituir família aqui), — que concebeu com Salvato Feijó o... louco sonho de comprarem nada menos que uma pequena avioneta (!), ainda em 1912, financiando (!) o seu amigo Sanches de Castro para ir tirar o preciso «brevet» de pilotagem a França...

E em França comprou este, pois o «Antoinette» — que logo se avariou e que foi substituído por um «Blériot»... que se avariou também. Cuidou dos seus «restos», para cá transportados, o talentoso mecânico vianense João Branco.

Restaurado, e agora pilotado por Norberto Gonçalves (Sanches de Castro tivera de afastar-se entretanto), fez então alguns modestos vôos sobre a Ínsua, em Agosto desse ano. Mas voltou a cair (sem causar mal ao piloto), ante o



A antiga fonte do Carmo, agora em Santa Luzia  
*Foto de Francisco Luís de Vasconcelos*

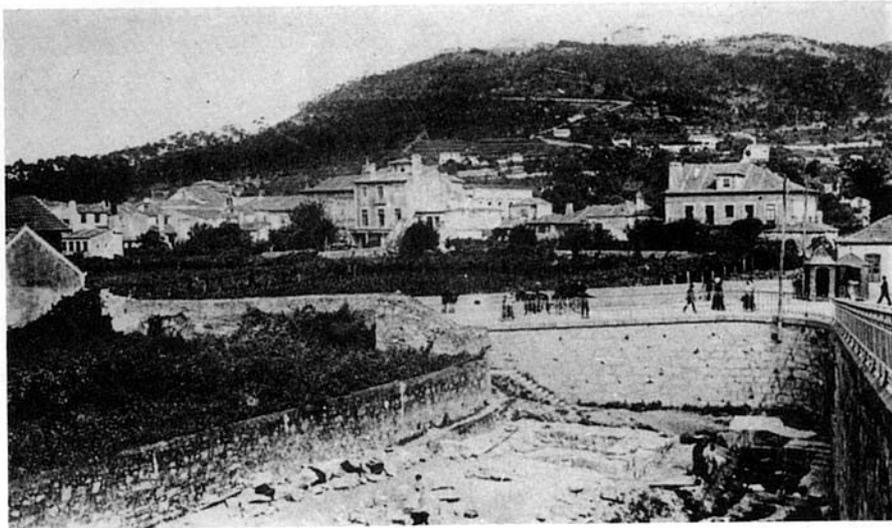


Arcos do «Aqueduto das Carmelitas» em Viana

desespêro dos «cardas» amigos... e, como «sucata», sumiu-se enfim de vez, no armazém da firma Lind & Couto.

\*

Ainda no alto da ponte, reconheço, saudosista, que nestes últimos tempos só há verdadeiramente movimento no Jardim durante as Festas da Agonia, — ou quando aqui instalam, cada ano, a Feira do Livro. E mesmo na Serenata, para se atingir as bancadas, ao longo do rio, ou a tribuna... não é ainda fácil, o caminho!

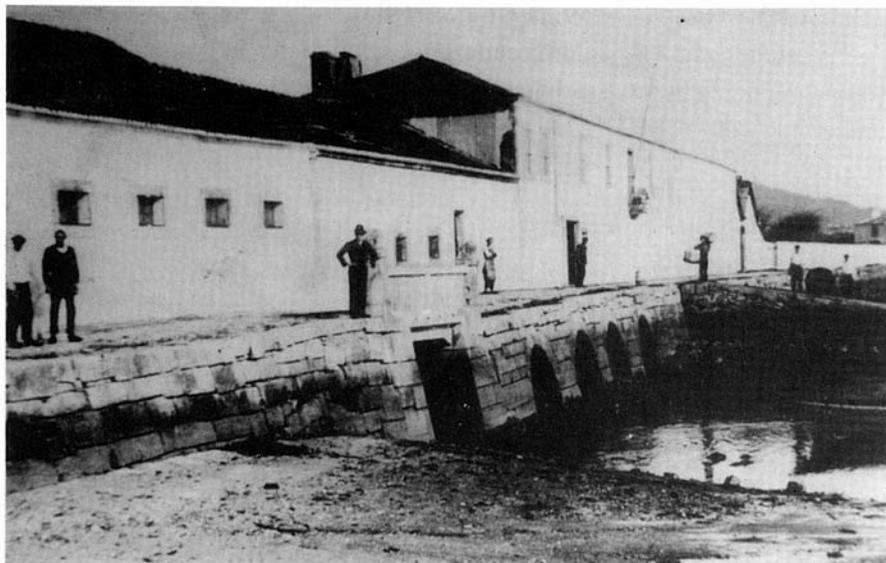


A ponte - já sem o depósito, ao lado. No início da rampa, postos de portagem.  
Atrás, casas demolidas

Que, por 1981 alargou-se o aterro anterior, na intenção de intensificar a corrente do Lima estreitando-o (para obstar, consta, (?) ao assoreamento da barra pelo mar, — problema velho)... começou o enrocamento em frente da Avenida dos Combatentes, em direcção ao 1.º pegão desta ponte. E em 1995 não está ainda este acréscimo nem arborizado nem calcetado... nem muito ameno, já que ali estacionam sobretudo viaturas — muitas das quais com

«turistas» pouco atentos ao lixo sobrando das suas refeições ou de compras que fazem. Esperemos, no entanto, que breve se complete a obra.

Igualmente para além, para os lados do Carmo, várias modificações foram surgindo pouco a pouco; primeiro, a abertura da própria rua, que, por 1883, do novo Campo Santo Municipal rompeu até aqui. Com a transferência da



As Azenhas de Dom Prior

fonte do Carmo para Santa Luzia. Depois, com a demolição dos arcos do velho aqueduto (que tinha 18, dos quais restavam 4), a favor da rua da Bandeira. Mais recentemente, por 1947, com a demolição também de casas no extremo dessa rua e na do Gontim como a correnteza de algumas muito modestas a seguir ao palácio dos Cunha Sotomaior — hoje Governo Civil.

Do outro lado, desaparecem igualmente a dos Porto Covo, a de D. Maria Emília Barros Lima, e outras contíguas. E destes terrenos brotou toda a cercania do novo hotel Afonso III, avizinhado por prédios modernos, e a larga rampa paralela à ponte que agora liga, pois, essa zona do Gontim ao Jardim.

... Para terminar, de cima lanço a vista sobre o «Náutico»; o hotel do Parque com a sua pequena piscina; os «courts» do Clube de Ténis...

Nos arredores próximos estava dantes instalada grande parte da «indústria local». Em Darque, a Cerâmica de Viana, fundada em 1774, (talvez, no princípio, com mestres franceses — de Ruão) <sup>(117)</sup>. E deste lado surgem três das primeiras fábricas de fósforos, ainda rústicos, aliás (na altura usavam-se uns com o nome de «espera-galego» — cuja origem ignoro). Uma dessas fábricas em S. Vicente, de António José Amorim; e as outras na rua da Bandeira e na Areosa <sup>(118)</sup>. (Na Areosa achava-se igualmente a fábrica de tecidos dos Pimentas, do Porto).

E aqui se situam ainda as oficinas do nossos pirotécnicos muito famosos — os Silvas e os Castros, — para os lados da Abelheira.

... José de Castro, tão zeloso dos seus créditos profissionais como dos particulares: depois da visita de Eduardo VII de Inglaterra a Lisboa, em Março de 1903, vários jornais noticiaram que só o fogo de artifício em sua honra, por ele fornecido para a «noite no Tejo» importara em vinte contos de réis!! Então ele correu para o «Comércio do Porto», a desmentir «esses pasquins-vehiculos-políticos», e esclarecendo que em verdade o fogo pouco excedera a verba de ... seis contos. (V. o n.º de 26 de Abril do citado diário).

... E na oficina dos Silvas não mais foi esquecida a explosão ocorrida em Agosto de 1922 — que custou até a vida a quatro familiares dos empresários, — quando se apartava o fogo para as festas, aqui!. Seguida de incêndio. Mais uma das muitas que infelizmente ocorrem nestas oficinas... Esta porém ficou «documentada» como poucas: em Santa Luzia um turista estrangeiro, encantado com a paisagem, fotografava por acaso aquele ponto no exacto instante em que ela se deu!

## **A TARDE CAI...**

Cai a tarde. Digo «até amanhã!» ao sol e encaminho-me novamente para a cidade, saudando ainda de longe S. Silvestre, e, no termo da rua da

---

117 — Fechou em 1855. Usada a princípio sem apreço é hoje bastante cotada nos antiquários. Para tal contribuiu a sua inclusão na Exposição de Arte Ornamental do Distrito, aqui realizada em 1896 a favor das obras em Santa Luzia (cujo catálogo, raro, é também hoje muito apreciado).

(V. a «Cerâmica Portuguesa» de José Queirós, Vol. 3, pag. 232).

118 — Desaparecem nos fins do séc. XIX

Bandeira, a capelinha de S. Vicente <sup>(119)</sup>. Mal imagino como era dantes isolado todo este arredor... a ponto de por aqui situarem até uma gafaria. (tão remota, é certo, que consta no próprio Arquivo da Misericórdia, no seu primeiro tomo relativo a 1408, «nem já se saber então, ao certo, quem a instituíra nem o ano em que tal ocorreu»...)

Entretanto vejo acordarem em Santa Luzia os focos laterais que incidem sobre o templo, branquejando-o, na cinza crepuscular. E uma, e outra, e outra luz, por sua vez, acorda cá em baixo. (Mal imagino igualmente como era dantes mais densa a noite, em Viana!) Primeiro com aquelas pequenas lanternas, nas esquinas... baças.. engorduradas pelo azeite ou pelo «óleo de purgueira» com que as alimentavam... E isso mesmo, só quando se entrava na lua nova!

E tão «rigorosos» eram que, nas demais noites, por mais nubladas, que fossem, ninguém vinha acendê-las. Conforme o estabelecido. Tal como se dava depois, com as alimentadas a petróleo... Valia a quem passava a lívida lamparina de qualquer nicho de Santo, num recanto!

Só em Maio de 1887 a firma Alfred Harrisson & C.<sup>a</sup> apresenta à Câmara propostas para se iluminar o burgo com gaz carbónico. Mas uma outra, de Augusto Lavarré, do Porto, é preferida. (Aliás não faltou logo quem apontasse o melhoramento como um «erro administrativo»: com o gaz a 64 réis o m<sup>3</sup>!)

Enfim a 23 de Setembro de 1914 é lavrado um contrato com a Empreza Eléctrica do Coura para instalar até aqui a sua energia, — só em vigor, embora, em Junho de 1915.

Daí adveio, decerto, para os Vianenses, o gozo de também á noite descerem até ao seu passeio público, no Verão. Com montras bem claras, do lado das casas. Com altos candeeiros nas placas centrais. Com um «colar de estrelas» ao longo do cais, reflectido, em baixo, pela água do Lima...

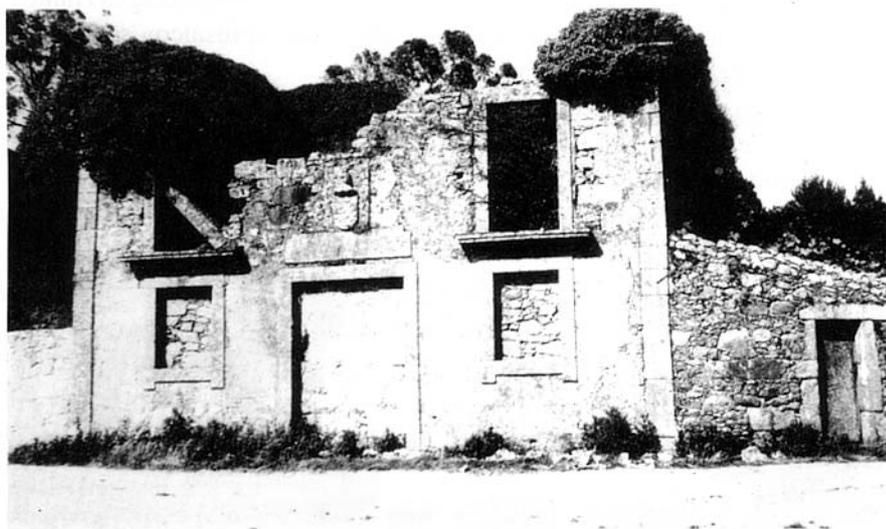
E o tempo continuou a passar, a passar. Destruindo, construindo... fazendo evoluir. Os velhos, — com saudades de coisas velhas, que eram bonitas... ou de outras que o não eram. Os novos encantados com coisas novas: Umas bonitas... outras que no futuro talvez até detestem. Eu cuido que entendo uns e outros, nesta transição.

Mas... mal imagino, finalmente, (ante o «colar de estrelas» que hoje o Lima, dele arredado, já não reflecte; ante a proliferação de prédios de cimento que, do outro lado, encobre o verde Galeão; ante o frio e duro debrum de

---

119 — Muito antiga; reedificada em 1881.

igual cimento que parece roubar altura aos montes a que se encosta a Abelheira; ante a mais recente ponte, utilíssima,... mas que cerceia um tanto a perspectiva do rio) — como é que os nossos netos, privados do resto do cenário que ainda nos ajudava a reconstituir as lendas remotas ou românticas transmitidas pelos nossos avós, hão-de memorá-las por seu turno?... Os legionários do destemido Brutus negando-se a atravessar o rio, receosos de que o encanto local os enlizasse a ponto de esquecerem, atrás, a sua terra e os seus. Santa Isabel, em peregrinação a Compostela, pedindo, ao passar pela nossa gafaria que a sinalizassem com uma bandeira, no caminho que, do burgo, a ela conduzia <sup>(120)</sup>. Os dois irmãos que se matam um ao outro por



Velha casa na Argaçosa

amor de uma mocinha humilde, na sua casa na Argaçosa (que ainda conheci, totalmente arruinada, reduzida à fachada com carcomido braço, mas que já desapareceu). O «wagneriano» castelo de Portuzelo onde António e Sebastião Pereira da Cunha poetaram, no termo do Séc. XIX, e cujo estilo, — diz-se, — foi inspirado ao primeiro por uma visita que fez, na Alemanha, a D. Miguel, de quem era particular amigo e que o convidara para o baptizado

---

120 — Ladeado depois por casas, calcetado, esse rude caminho é a actual rua da Bandeira... que, caso raro, ainda conserva esse nome, lembrando o citado episódio.

do filho, <sup>(121)</sup>. A torre de D. Sapo — Florentim Barreto — (ou de Moure) — que usava, parece, o velho direito da «marketta» <sup>(122)</sup>, em Cardielos, o que lhe valeu ser por fim desafiado e morto por seu tio Simão Nunes, instigado pelo senhor do Mosteiro, em Vitorino das Donas... e com «ordem do rei» (a quem o haviam descrito, conforme consta, como um real, autêntico animal malfazejo) <sup>(123)</sup>.

\*

... É certo que, mesmo projectadas em cortina baça, certas imagens nunca perdem, embora, o seu prestígio. E que, quanto mais «prosaico» se antolha o futuro, maior encanto ganha a tradição...

— Quanto a mim, gostei muito deste meu passeio. E de ressuscitar assim, teimosamente, entretanto, tanto, tanto da velha Viana... da Viana de outras eras... Da nossa Viana à beira-rio.



Castelo de Portuzelo (Santa Marta)

121 — Também em Sintra o rei D. Fernando adoptou esse estilo... constou que saudoso da paisagem natal.

122 — ... Ou de «jus prima nox» ou «ossas». — e mais popularmente designado por «direito de pernada». Permita este que qualquer senhor chamasse a si qualquer mocinha casada nas suas terras nessa manhã, devolvendo-a depois ao marido. Consta que também nas Canárias ele existiu até á sua conquista pelos espanhóis, tal como na Escócia, até ali reinar o católico Malcolm, no ano 1000.

123 — V. «Portugal ant. e mod. de Pinho Leal, no Vol. 2º, pag. 106.